

## **“NOSSOS ANOS VERDE-OLIVA”: ROBERTO AMPUERO ENTRE O GOVERNO DE AUGUSTO PINOCHET, A REVOLUÇÃO DE FIDEL CASTRO E UM SÉCULO DE AUTORITARISMOS.**

**Quezia Brandão\***

**RESUMO:** O presente artigo se propõe a discutir o papel da obra literária *Nossos Anos Verde-Oliva*, de Roberto Ampuero, para pensar as experiências autoritárias dos governos do General Augusto Pinochet, no Chile, após o Golpe de 1973 que derrubou o governo da Unidade Popular de Salvador Allende e do líder revolucionário Fidel Castro, em Cuba, após a vitória da Revolução Cubana de 1959, sobretudo com o acirramento do governo de Castro na década de 1970. Assim, o texto abordará as questões atinentes à memória, a legitimação, consenso e consentimento sociais acerca de tais regimes políticos, partindo das contribuições deixadas por Roberto Ampuero em seu romance biográfico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nossos Anos Verde-Oliva; Augusto Pinochet; Fidel Castro; Autoritarismo.

**ABSTRACT:** This article aims to discuss the role of literary Roberto Ampuero's *Nuestros Años Verde-Olivo*, to think the of authoritarian government's experiences of General Augusto Pinochet in Chile after the 1973 coup that overthrew the Popular Unity Governements Salvador Allende and revolutionary leader Fidel Castro in Cuba after the triumph of the Cuban Revolution in 1959, especially with the growth of Castro's government in the 1970s. Thus, the text will address the issues relating to memory, legitimation, social consensus and consent about such political regimes, starting from the left by Roberto Ampuero contributions in his biographical novel.

**KEY-WORDS:** Nuestros Años Verde-Olivo; Augusto Pinochet; Fidel Castro; Authoritarianism

\*\*\*

---

\*Graduanda em História pelo Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora no Laboratório de Estudos Históricos e Midiáticos das Américas e da Europa e no Laboratório de Imagem, Arte e Metrôpoles. Bolsista de Iniciação Científica – Jovem Cientista - Faperj.

“Só a Literatura, aquela que surge do conhecimento profundo da alma humana e de suas paixões, suas mesquinhas e grandezas, era capaz de dar conta daquilo que eu presenciava. Disso provém a causa última pela qual o gênero do romance nunca perderá sua vigência.”

Roberto Ampuero. *Nossos Anos Verde-Oliva* (2012).

## Introdução

Todo trabalho que pretenda analisar obras literárias coloca, em si, uma difícil e árdua tarefa. Ao pensar uma produção literária do ponto de vista das suas implicações políticas e sociais estamos indo além da crítica literária e construindo uma complexa teia de compreensões e caminhos interpretativos sobre aquilo que, grosso modo, Hayden White problematizou com as noções de *representação histórica* e o *papel da imaginação histórica*<sup>1</sup>. Embora White estivesse preocupado em pensar o problema da escrita da história pelos historiadores e daquilo que se pode ou não chamar de “real”, suas reflexões, em um primeiro momento, tornam-se úteis para pensarmos como o devir histórico de certos eventos é representado socialmente a partir da literatura, que é associada diretamente à ideia de uma narrativa eivada de subjetividades, simbolismos e posições sobre determinado acontecimento ou conjunto de acontecimentos. Nesse caminho, o historiador Antônio Celso Ferreira em *A Fonte Fecunda*<sup>2</sup> implica que

“Afirmar que a literatura integra o repertório das fontes históricas não provoca hoje qualquer polêmica, mas nem sempre foi assim. Mais do que isso, nas últimas décadas, os textos literários passaram a ser visto pelos historiadores como materiais propícios a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres no tempo.”<sup>3</sup>

O presente artigo pretende se debruçar sobre as experiências autoritárias de Cuba – sob o regime de Fidel Castro, instaurado após a Revolução Cubana de 1959 - e do Chile – sob o presidente Augusto Pinochet, após o Golpe de 1973 que depôs o presidente Salvador Allende - , a partir da análise crítica da obra literária de Roberto

<sup>1</sup> WHITE, Hayden. *Meta-História: A imaginação histórica no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1995.

<sup>2</sup> FERREIRA, Antônio Celso. *A fonte fecunda*. In: PINSKY, Carla Bassanezi & LUCA, Tânia Regina de. *Os Historiadores e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. pp.61-91.

<sup>3</sup> Ibidem.

Ampuero<sup>4</sup> – *Nossos anos verde-Oliva (Nuestros años verde olivo)*. Através do romance biográfico de Ampuero iremos pensar a noção de memória<sup>5</sup> acerca do regime de Fidel Castro, do Golpe de 1973 que elevou Pinochet à presidência do Chile e do conflito bipolar da Guerra Fria que propulsionou diversas experiências políticas autoritárias e ditatoriais<sup>6</sup> na América Latina, sobretudo.

O que se quer aqui é demonstrar como ambas as experiências históricas constituíram (e, constitui, no caso cubano) regimes autoritários, como se deu a subida e permanência ao poder, entendendo tais governos como produtos sociais. Nesse sentido, nos utilizaremos do duplo eixo analítico proposto por Denise Rollemberg e Samantha Quadrat, em *A construção social dos regimes autoritários*<sup>7</sup>: 1) como um regime autoritário/ditadura obteve apoio e legitimidade na sociedade; 2) como os valores desses regimes autoritários/ditatoriais estavam presentes na sociedade e, assim, tal regime foi antes o resultado da própria construção social. Não deixaremos de abordar também, mesmo que brevemente, as questões atinentes à memória desses regimes, como se constitui a obra literária aqui analisada.

Para além de toda uma discussão em torno do conceito(s) definidor(es) de tais regimes, pretendemos nos referir às experiências quanto ao seu caráter repressivo, nocivo às liberdades individuais e coletivas, suas ideologias legitimadoras e seus líderes carismáticos ou não. Utilizaremos, então, tanto o termo *ditadura* quanto *regime*

---

<sup>4</sup> Roberto Ampuero é um dos autores mais significativos de toda a América Latina. Ampuero nasceu em Valparaíso, no Chile, ano de 1953. Permaneceu exilado em Berlim Oriental após o Golpe que instaurou a ditadura de Augusto Pinochet, radicou-se em Cuba, até mudar-se para os Estados Unidos da América. É, atualmente, embaixador do Chile no México e professor de escrita criativa e redação na Universidade de Iowa (EUA).

<sup>5</sup> Apesar do presente esforço historiográfico aqui proposto perpassar pela noção de memória, afinal de contas, a obra literária em discussão é um romance biográfico e, portanto, parte importante do que Michael Pollak em *Memória, Esquecimento, Silêncio* (Rio de Janeiro. Revista de Estudos Históricos, Vol. 2, n.3, 1989, páginas 3 - 15) irá chamar de memória coletiva e memórias subterrâneas, a construção de memória não é discussão principal.

<sup>6</sup> As discussões sobre a conceituação acerca da natureza das diversas experiências políticas do século XX partem das reflexões teóricas de Hanna Arendt em *Origens do Totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo* (Companhia das Letras. São Paulo, 1998). Neste trabalho, Hanna Arendt toma o conceito de totalitarismo e o considera como definição de um sistema político no qual o Estado detém o domínio completo sobre a sociedade a qual está imposto e mesmo à vida particular dos indivíduos constituintes da mesma. O conceito de totalitarismo, entretanto, foi construído a partir de uma discussão que teve, como horizonte principal de observação, a Alemanha Nazista de Adolf Hitler (1933 - 1945) e o governo de Josef Stálin na Rússia Soviética. A partir de então, diversos estudiosos do tema começaram a considerar a necessidade de novos eixos e paradigmas conceituais para tentar determinar a essência e dinâmica de diversas experiências autoritárias, sobretudo na América Latina. Logo, hoje é possível e necessário trabalhar com os conceitos de ditadura, autoritarismo e totalitarismo, tendo em vista as especificidades de cada regime político-social posto em análise.

<sup>7</sup> ROLLEMBERG, Denise & QUADRAT, Samantha Viz. *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

autoritário, porque compreendemos aqui que não há uma distancia inconcebível entre ambos, e são capazes de dar conta do discurso sobre os processos históricos.

### Da Obra

Ao propor a presente análise literária da obra *Nossos anos verde-Oliva*, de Roberto Ampuero, precisamos entender o contexto de produção, quais fatores propiciaram a publicação da obra, tendo em consideração sua motivação social e seu efeito no mesmo sentido, pois como refletiu Antonio Cândido em *Literatura e Sociedade*<sup>8</sup>:

(...) a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprime na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando nele o sentimento dos valores sociais<sup>9</sup>.

*Nuestros años verde olivo* (título original da obra) teve sua primeira edição em 1999, pela editora *Planeta*, no Chile. No Brasil teve sua primeira edição no recente ano de 2012 pela editora *Benvirá*, traduzido por Luis Reyes Gil. A publicação dessa obra de Roberto Ampuero é significativa do ponto de vista do momento de fala. O fim do século XX presenciava todo tipo de deflagração aos regimes ditatoriais; estava em pauta (e ainda está até os dias de hoje) o debate sobre consentimento, legitimação e consenso, bem como as questões em torno da memória. Precisamos lembrar também que o fim do regime de Augusto Pinochet era recente (1990). O romance biográfico de Ampuero é importante pois, além de aludir a ditadura chilena de Pinochet, retrata, às próprias impressões, a ilusão do Regime Castrista após a Revolução Cubana de 1959.

Roberto Ampuero faz parte dos escritores da escola literária pós-moderna. Ainda há uma discussão entre literatos e intelectuais sobre situar ou não as obras pós-modernas como uma escola literária. Existem várias vertentes de escrita dentro da escola pós-moderna. Enquanto o Concretismo consolidava suas características na poesia, a prosa pós-modernista seguia por diferentes estilos, marcada por tendências diversas: regionalista, urbana, intimista, política, realista-fantástica, além de crônicas e contos. O pós-modernismo, em todas as áreas da cultura, se configura uma mistura, um “boom” de diversos assuntos, estilos e interesses. É sintomático do mundo que emerge

<sup>8</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro. Ed.: Ouro sobre Azul, 2006.

<sup>9</sup> CANDIDO, Op.cit., p.29.

após os anos 1950; é o mundo do pós-guerra, da polarização política e da verdadeira convergência de estruturas culturais. Nesse sentido, o romance biográfico *Nuestros años verde olivo* surge como corolário dessa nova vertente, explorando o sentido político, e por consequência, social e econômico. No entanto, podemos perceber que não há uma marcada característica dessa escola literária, justamente porque é – em contraposição – movimentação do diversionismo.

Roberto Ampuero Espinoza nasceu em Valparaíso, Chile, em 1953. Criado por uma família pequeno-burguesa que se inclinou para a direita, Ampuero estudou alemão na *Deutsche Schule de Valparaíso (DSV)* e tornou-se um militante político de esquerda em apoio a Unidade Popular de Salvador Allende. Contudo, após o Golpe de 1973, quando Pinochet tomou o poder e instaurou um governo de cunho autoritário, o escritor – na época apenas estudante – viu-se obrigado a pedir asilo político, indo parar na Alemanha Oriental. Estudando em Leipzig, na Karl Marx Universität, conheceu a filha de um comandante cubano que trabalhava na embaixada, em Moscou. Envolvendo-se em um caso amoroso Ampuero parte para Cuba onde recebe asilo político. Nos anos subsequentes o autor, que sentirá a decepção política com a Revolução Cubana tentará a saída da Ilha até voltar à Alemanha Oriental e, dali, atravessar para a parte ocidental onde escreve seus dois primeiros romances policiais (gênero predominante dos livros de Ampuero) que só serão publicados posteriormente. Voltando ao Chile em 1993, o escritor passa pela Suécia e depois irá morar nos Estados Unidos.

Roberto Ampuero, atualmente, além de ser escritor pós-modernista com treze obras publicadas, é reconhecido mundialmente por seus muitos prêmios e seu trabalho em relação à propaganda da cultura no Chile e, de alguma forma, nos Estados Unidos, onde é embaixador chileno. O seu trabalho de 1999 se destaca em relação a seus outros livros por seu gênero biográfico e por ser um importante testemunho, não só sobre o Regime Cubano, mas sobre os anos da ordem bipolar mundial, sendo o livro que teve mais traduções pelo mundo. Ainda percebemos a característica principal que, ao lançar breve atenção sobre as obras de Roberto Ampuero, podemos notar ser predominante em todas as suas obras que é o estilo de sua escrita – o romance policial. Essa tendência é típica da influência contextual do autor, pois ele viveu o auge dos romances policiais e de espionagem à égide da Guerra Fria.

O livro *Nossos anos verde-Oliva* narra a história que viveu Roberto Ampuero desde sua saída do Chile, após o Golpe Militar de Augusto Pinochet que derrubou a

Unidade Popular de Salvador Allende. Em Leipzig, Alemanha oriental, Roberto estudará na Karl Marx Universität e conhecerá Margarita Cienfuegos<sup>10</sup>, filha do comandante cubano e embaixador em Moscou Ulisses Cienfuegos. Envolvido em um romance a personagem principal recebe asilo político em Cuba onde se casa com Margarita e, meses depois, nasce o filho do casal.

Ao passar dos anos, mesmo trabalhando em Cuba e estudando o nível superior, Roberto irá perder a ilusão do regime socialista, estando em contato direto com a camada dirigente do governo ele perceberá as rupturas ideológicas, se fatigará da penúria econômica em que vive a Ilha e, assim, seu casamento irá ruir. Sem poder manifestar seu descontentamento político e suas “quedas” pela literatura proibida pela administração Roberto presenciará diversos episódios de repressão a cidadãos cubanos e asilados políticos, bem como conhecerá o sofrimento dos *gusanos*<sup>11</sup>, a perseguição política e os mecanismos sombrios para conter o “diversionismo ideológico”. Assim, Roberto começa a ansiar pela saída de Cuba, ao que se colocam muitas dificuldades devido à sua situação de estrangeiro com passaporte vencido e seu conflito com a família Cienfuegos.

Ao desenrolar dos acontecimentos a decepção de Roberto aumenta, não apenas em relação a Cuba, mas também à sua organização política – a Jota, que representa a resistência socialista chilena que tinha seus polos em vários países socialistas. Ao discordar dos trâmites partidários, principalmente em relação à recém-montada FAR (Fuerzas Armadas Revolucionarias), pede saída do partido. O seu desespero e agonia de estar preso à Ilha aumentam a cada dia e novos episódios reafirmam esses sentimentos. Graças ao festival de comemoração da Revolução, diversos grupos e partidos, bem como turistas socialistas, visitam Cuba e Roberto se reencontra com um antigo compatriota – Alberto Arancibia – que era líder da UJD na Alemanha Oriental, uma resistência chilena de tendência social-democrata. Assim, ele tenta com o auxílio de Arancibia uma saída por vias legais de Cuba – visto que tentava sair com uma balsa pelo mar rumo à Miami. Durante o tempo em que espera uma carta de salvo-conduto para poder sair do país – o que demora meses – o seu desespero aumenta e ele é levado ao total desespero. Quando a embaixada peruana é invadida e essa decide dar asilo político para cubanos a situação torna-se insustentável em Havana e Roberto presencia

<sup>10</sup> Todos os nomes de personagens foram alterados e por isso são meras ficções. O autor decidiu trabalhar dessa forma, pois várias pessoas retratadas na história ainda fazem parte do governo cubano e poderiam ser comprometidas pelo relato.

<sup>11</sup> *Gusanos* – expressão pejorativa usada em Cuba para designar aqueles que se opõem ao governo castrista.

cenas de violência como vira anos atrás antes de sair do Chile. Ele sentira estar preso para sempre na Ilha. Como vemos, ele consegue sair de Cuba pelo intermédio da UJD de Arancibia, até que sairá para o mundo ocidental definitivamente.

As personagens principais desta história são Roberto Ampuero, Margarita Cienfuegos e seu pai Ulisses Cienfuegos. Apesar deste último não aparecer com grande evidência na breve exposição acima, no papel de comandante e homem próximo a Fidel Castro ele foi o elemento propiciador dos primeiros questionamentos de Roberto por ser um homem duro, cruel, calculista e por se envolver em fuzilamentos e prisões que chocaram seu genro. Roberto, um jovem iludido, ingênuo e pacífico se torna cada vez mais consternado com as atitudes de sua mulher ao longo do enredo – Margarita – que abandona a posição crítica e “*os olhos brilhantes*”<sup>12</sup> para se entregar ao serviço pela revolução de modo acríptico e passional. A personagem principal é uma só, com o aparecimento, ao longo da narrativa, de várias personagens secundárias e típicas que nos ambientam ao lugar e momento de fala da história.

A narrativa de Ampuero mescla elementos de um tipo linear e retrospectivo, criando uma expectativa pelo desfecho e acaba por ser um recurso muito bem utilizado, pois transmite ao leitor a sensação vivida pelo autor, de espera, agonia; ao mesmo tempo em que trabalha episódios mais ou menos independentes Roberto Ampuero nos transmite a ideia base: a tormenta de viver recluso em um país de regime fechado, situação econômica precária e sentimento de insegurança e medo sociais. Em seu enredo, constatamos:

Com o passar dos dias, fui descobrindo com angústia que, embora me esforçasse para escolher bem as palavras e dar descrições precisas, era incapaz de transmitir de forma cabal a meus pais o que significava viver no socialismo. Só aqueles que viveram nele e experimentaram na própria carne as penúrias provocadas pela escassez cotidiana, a regulamentação extrema de todas as esferas da vida e a mensagem messiânica de um governo sem oposição entendem o que é o socialismo e a dolorosa marca que imprime na pessoa para sempre<sup>13</sup>.

Ao longo de quase toda a narrativa temos a sensação de estática, como se o tempo houvesse parado e um eterno ciclo de acontecimentos repetitivos o que é um recurso do autor que nos demonstra como a Ilha estava parada no tempo e como viviam sem novas perspectivas as pessoas ali. Apenas temos a sensação de avanço, de

<sup>12</sup> AMPUERO, 2012.

<sup>13</sup> AMPUERO, Op.cit., p.210.

mudança, quando dos capítulos finais que Roberto espera pela saída para integrar-se à UJD na Alemanha Oriental e a narrativa torna-se precisamente linear, progressiva, com diversos acontecimentos extraordinários até que enfim alcança seu objetivo. Assim o tempo nesta narrativa não é cronológico e sim psicológico, medido a partir dos sentimentos do personagem principal.

O ambiente da história é, no início do livro, retratado pela sua beleza paradisíaca, pelas pessoas felizes com o regime castrista e pelas reverberações políticas. Ampuero chega a dizer: “*Agora, nesta terra imensamente verde, de morros suaves, céu azul e gente alegre, começa uma nova etapa de minha vida (...)*”<sup>14</sup>. No entanto, ao avançar da história temos uma mudança de perspectiva e o ambiente começa a ser descrito a partir do descontentamento que se instaura no autor: o calor intenso e inquietante, a atmosfera irrespirável, as filas de víveres, as construções decadentes, os utensílios domésticos que não funcionam. E essa mudança é também consequência da alteração de meio social, pois se no início Roberto estava em contato com a administração do regime, os setores diplomáticos e as lideranças políticas, ao fim ele irá conviver com a massa, com os pobres, com as pessoas pelas quais o governo havia se estabelecido, mas que eram privadas de direito de expressão, da liberdade e do desfrute do desenvolvimento econômico – inexistente na Ilha. Como a narrativa tem a intenção de transmitir as sensações e os sentimentos o autor recorre sempre ao uso de um tipo específico de figura de linguagem, a metáfora.

Do ponto de vista técnico a forma de narrar – narrador empenhado – onde ele é a personagem principal e não reconhece as “verdades alheias”, não é onisciente, não sabe as verdadeiras intenções e os sentimentos das outras personagens. Essa escolha é típica do estilo biográfico. O discurso utilizado pelo autor mescla o *discurso direto* e o *discurso indireto*. Esse recurso traz maior dinâmica à história e é comum em narrativas biográficas.

Com uma mensagem que veicula valores políticos, morais e sociais, ficando claro seu apelo por liberdades, direitos humanos, representação política e auxílio mútuo, o livro de Roberto Ampuero foi sucesso de crítica e vencedor de prêmios. *Nuestros años verde olivo* foi bem recebido não só por seu vigor literário, mas por sua característica política, sendo louvado por literários como Mario Vargas Llosa<sup>15</sup> e Heberto Padilla<sup>16</sup>

<sup>14</sup> AMPUERO, Op.cit., p.70.

<sup>15</sup> Mario Vargas Llosa é um importante intelectual latino-americano. Muitas de suas obras refletiram sobre o espectro político, social e cultural dos países latino-americanos. Sua obra mais recente é o livro *A*



que conheceram bem a repressão em torno das artes em geral praticadas pelo governo cubano. Ampuero reflete sobre essa repressão, dizendo o seguinte

Uma das questões que surgem ao conhecer as reflexões políticas de autores como Milan Kundera, Heberto Padilla ou Herta Müller, que viveram em regimes socialistas reais, é como se pode depois manejar essa experiência produtivamente em termos literários. (...) Suspeito que o melhor antídoto para essa dor – causada por quem monopoliza sua pátria e emprega seus símbolos, sua história e seus recursos para reprimi-lo e desprestigiá-lo – é escrever sobre a própria experiência que a originou. Trata-se, ao que parece, de converter a dor em memória, em literatura, em resistência<sup>17</sup>.

Esses aspectos trazem para o cerne da crítica o que anteriormente havíamos colocado sobre a memória. Um importante elemento que se coloca ao analisar um romance de tipo biográfico, como este, é questão da disputa de memória, situação incontornável em todas as realidades nacionais, mas, sobretudo, naquelas que foram assoladas por regimes de natureza autoritária e repressiva. É, precisamente, o conflito que se impõe entre memória coletiva, memórias individuais, e, mais apuradamente, memórias subterrâneas. O exemplo do livro de Ampuero é significativo para pensarmos como se conforma, grosso modo, os espaços de disputa entre uma memória oficial/coletiva e uma memória individual/subterrânea. Para Michael Pollak, a função desse tipo de discurso memorial, importa que

(...)Esses exemplos tem em comum o fato de testemunharem a vivacidade das lembranças individuais e de grupos durante dezenas de anos, e até mesmo séculos. Opondo-se a mais legítima das memórias coletivas, a memória nacional, essas lembranças são transmitidas no quadro familiar, em associações, em redes de sociabilidade afetiva e/ou política (...)<sup>18</sup>.

---

*Civilização do Espetáculo: Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*, publicado no Brasil em 2013, pela editora Objetiva. O livro discute as metamorfoses que incidiram sobre a noção/conceito de cultura, trazendo o advento da mídia e seus diversos desdobramentos para o centro do debate. Os regimes autoritários de toda natureza (populistas, regimes militares, ditaduras personalistas, etc.), que eclodiram por toda a América Latina no século XX, e existem ainda hoje no século XXI, são elencados como principais espaços de metamorfoses da cultura, propiciando uma cultura midiática que os favoreceu.

<sup>16</sup> Heberto Padilha aparece enquanto personagem do romance de Roberto Ampuero. O autor narra e dá vida, em seu livro, às experiências do poeta Padilha. *Nossos Anos Verde-Oliva* conta o drama de Heberto Padilha em seu exílio, durante quase uma década, dentro de Cuba, a proibição que lhe era imposta quanto ao seu exercício de poeta e marginalização de suas obras, como foi o estopim com o livro de poemas *Fuera del Juego*. Heberto Padilha – conta Ampuero – conseguiu sair da Ilha contando com a intervenção do senador norte-americano Edward Kennedy junto a Fidel Castro. Nos EUA, Heberto Padilha lecionou em diversos colégios e universidades. Morreu em 25 de setembro de 2000, no estado do Alabama.

<sup>17</sup> AMPUERO, Op.cit., p.479.

<sup>18</sup> POLLAK, Op.cit., p.8.

E, ainda, citando os mecanismos psíquicos de Claude Olievenstein<sup>19</sup>, Pollak nos faz pensar sobre as questões colocadas pelo próprio autor do romance em questão, sobre a sua escolha pelo gênero literário:

A linguagem é apenas a vigia da angústia (...) Mas a linguagem se condena a ser impotente porque organiza o distanciamento daquilo que não pode ser posto a distância. É aí que intervém, com todo o poder, o discurso interior, o compromisso do não-dito entre aquilo que o sujeito se confessa a si mesmo e aquilo que ele pode transmitir ao exterior<sup>20</sup>.

Assim, o regime político cubano sob Raúl Castro relegou a obra a ilegalidade, sendo proibida a circulação em Cuba apesar de ter posado para fotografia junto à ex-presidente do Chile – Michelle Bachelet – na feira do Livro em Havana, 2009<sup>21</sup>. Roberto Ampuero afirma, em capítulo dedicado à construção da obra *Nossos Anos Verde-Oliva*

Não consigo, porém, voltar à Ilha. A publicação deste romance autobiográfico, escrito originalmente para minha mulher, meus filhos e meus pais, irritou de tal modo o regime que desde então minha entrada em Cuba está proibida. É uma represália dolorosa (...) Uma represália que me une à diáspora de milhões de cubanos que perambularam pelo planeta privados de sua pátria<sup>22</sup>.

Essa proibição se dá por razões óbvias: o relato contido no livro revela uma face do regime cubano dos anos 1970 que expõe seu caráter autoritário e repressivo, como significou para Ampuero e muitos outros indivíduos, constituinte de um Estado de Exceção.

---

<sup>19</sup> OLIEVENSTEIN, Claude. *Les non-dits de l'émotion*, Paris. Odile Jacob, 1988. Apud: POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2. n. 3, 1989, p.3- 15.

<sup>20</sup> POLLAK, Op.cit., p.8.

<sup>21</sup> Na foto mencionada, Raul Castro (irmão de Fidel Castro), está com *Nuestros Años Verde-Olivo* em mãos, junto à ex-presidente chilena Michele Bachelet (reeleita à presidência do Chile no ano de 2013), na feira do Livro de Havana, em 2009. O livro está censurado em Cuba e Roberto Ampuero não pode entrar na Ilha desde a publicação de seu romance. Apesar da situação o governo cubano tenta mostrar à imprensa internacional que o livro circula livremente no território cubano. “(...)Os exemplares do livro se esgotaram em questão de minutos no estande do Chile daquela feira, adquiridos, segundo a imprensa, por leitores entusiastas e por discretos indivíduos de cabelo curto, óculos e guayabera, que agiam de maneira previamente combinada.” (Apud. AMPUERO, Roberto. “Iconografia/Documentos”. In: *Nossos Anos Verde-Oliva*. São Paulo: Benvirá, 2012)

<sup>22</sup> AMPUERO, Op.cit., p.473.

## **Cuba e Chile: diferentes/semelhantes apenas no plano conceitual?**

Para começar aqui uma discussão que imediatamente se propôs devemos pensar, ademais, sobre as categorias conceituais exploradas no trabalho de Denise Rollemberg e Samantha Quadrat<sup>23</sup>. Nunca houve, entre os historiadores, um horizonte comum quanto ao entendimento em relação a um regime – se era autoritário ou mesmo uma ditadura. A Cuba castrista, por exemplo, é um bom exemplo desse problema. Uma ditadura alude um sistema repressivo, coercitivo, sem nenhuma representação e perspectivas sobre ela; remete, sobretudo, a algo imposto, manipulado e imoral. A partir das definições de Newman<sup>24</sup> poderíamos ter, para o caso chileno, uma ditadura tipicamente *simples*, onde o governo tem o controle da polícia, do exército, da burocracia e do judiciário, somando-se as características da ditadura *cesarista*, onde o apoio ao governo e o culto ao líder são indispensáveis. Logo, em Cuba haveríamos de ter uma ditadura *cesarista*. Em contrapartida, o trabalho de Stoppino<sup>25</sup> classificaria o governo chileno de ditadura *reacionária* e, o cubano, ditadura *revolucionária*. No entanto, ao analisar as experiências cubana e chilena – a primeira ainda mais que a segunda – percebemos que as aspirações em torno da chegada ao poder por tais governos/governantes estiveram todo tempo legitimada pela participação social. Portanto, o que se quer entender aqui é como chegamos a ditas conjunturas históricas e como se conformou a fisionomia desses regimes ao suceder dos anos; não se trata de estabelecer semelhanças e diferenças, entre Cuba e Chile, no plano conceitual. Como bem podemos observar, nos amparando mesmo no relato da obra de Ampuero, Fidel e Pinochet galgaram o poder em conjunturas (guardadas as devidas proporções e momentos históricos) muito semelhante do ponto de vista estrutural, marcado pela insatisfação/contestação dos governos anteriores.

O trabalho de Daniel Aarão Reis<sup>26</sup> é muito importante para trabalharmos a questão do consenso em torno do regime cubano. Como o historiador aponta o processo revolucionário esteve apoiada sobre os mais variados setores sociais. A proposta da

---

<sup>23</sup> ROLEMBERG, Denise & QUADRAT, Samantha Viz. *A construção social dos Regimes Autoritários. Legitimidade, Consenso e consentimento no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> REIS, Daniel Aarão. *A Revolução e o socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso*. In: ROLEMBERG, Denise & QUADRAT, Samantha Viz. *A construção social dos Regimes Autoritários. Legitimidade, Consenso e consentimento no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. pp.364.

Revolução de 1959 se mostrou capaz de reunir os diversos interesses em uma mesma pauta política, o que conferiu consentimento ao novo sistema. O uso da história, do passado, do futuro, de *heróis* nacionais para criar um consenso e uma identidade em torno da causa, como é o caso da figura de José Martí. O governo de Fidel Castro sobe ao poder sob a prerrogativa de construir uma Cuba livre, independente, sem clivagens sociais e sem o medo do domínio Americano. Em suma, a *ditadura revolucionária/cesarista* sobe ao poder por meio de um “compromisso social”.

Nesse mesmo caminho nos aproximamos do Chile, a partir das perspectivas lançadas pelo trabalho *História del Siglo XX Chileno – Balance paradójal*<sup>27</sup>. Pinochet sobe ao poder a partir de um Golpe de Estado (11/09/1973) que depõe a Unidade Popular de Salvador Allende. Como aponta a obra *Nossos anos verde-oliva*, o Chile entra em um processo de viragem política devido a própria conjuntura nacional, sua economia fragilizada, o descontentamento social, a decepção em torno dos projetos da Unidade Popular. Augusto Pinochet não sobe ao poder sozinho: uma maioria apoia seus atos a partir do já chamado “compromisso social”. Nesse sentido, aproximamos Cuba e Chile, ao menos quanto à instauração dos referidos governos. Mas ainda fica a pergunta: como dois regimes de diferentes orientações políticas (esquerda e direita) podem ser comparados dentro de um quadro comum? É justo isso que pretendemos destacar aqui. As especificidades só demonstram o caráter e conjuntura nacionais de cada país, essas, tão logo, só corroboram para entender o processo histórico de cada um em separado, pois na verdade não influem na forma de governo vigente: o regime ditatorial/autoritário.

Como observamos quando da leitura do romance biográfico, o sistema, o aparelho de Estado e as configurações dos pós-consolidados governos são muito parecidas, quando não idênticas. Ampuero sinaliza o controle da sociedade, das idas e vindas, do cerceamento total da liberdade que se estabelece em ambos os governos. A oposição é reprimida, perseguida, presa. A literatura é controlada e deve ser sempre a favor do sistema – como o slogan de Fidel, “*Dentro da Revolução, tudo; contra a revolução, nada*”. Ainda sobre esse aspecto, o trabalho *Fidel Castro*<sup>28</sup> é importante ao abordar as palavras de Fidel aos intelectuais cubanos, onde o controle das ideologias grassava as mais simples manifestações culturais. Esse dois governos se entronizaram

<sup>27</sup> SUTIL, Sofía Correa; GARVAGNO, Consuelo Figueroa; LETELIER, Alfredo Jocelyn-Holt; CRUZ, Claudio Rolle e URRUTIA, Manuel Vicuña. *História del siglo XX Chileno – Balance Paradójal*. Santiago: Sudamerica, s/d.

<sup>28</sup> SADER, Emir & FERNANDES, Florestan. *Fidel Castro - Política*. São Paulo: Ática, 1986.

(Cuba, de forma muito mais intensa) na vida social; dissolveram o indivíduo nos propósitos estabelecidos. Ambos assinalaram um viés de cunho democrático, mas logo nos momentos imediatos e ao longo dos anos as liberdades democráticas passaram a ser suplantadas face às necessidades de fortalecimento/permanência dos regimes.

As duas ditaduras sobem ao poder no contexto da Guerra Fria, expressam, portanto, a aproximação às duas potências beligerantes do mundo de meados/fins do século XX – Estados Unidos e URSS – e acabam fomentando a via autoritária que mantém a sociedade sob rédeas curtas contra o opositor comum – seja o imperialismo ou o comunismo. É importante também pensar o importante relato que consta na narrativa de *Nossos anos verde-Oliva*: às vésperas de sua tão almejada saída da Ilha socialista Ampuero se vê frente ao que anos antes havia presenciado no Chile. Quando Pinochet sobe ao poder a resistência popular vai às ruas em protesto, tenta convocar a população para se unir contra o novo governante. No entanto, essa militância encontra violência absurda por parte dessa mesma população e uma cena de massacre é protagonizada, e fica claro o apoio social ao governo de Pinochet. Já em Cuba, quando da crise diplomática com a embaixada do Peru, onde vários cidadãos cubanos ao saberem da possibilidade de asilo político se colocaram em uma intensa movimentação em Havana para sair do país, a reação social aos *traidores* foi imensamente violenta e, as cenas de morte presenciadas por Roberto Ampuero, no Chile, se repetiam na maior das Antilhas. A passagem do livro, confirma

Permaneci na calçada, rodeado de milhares de pernas e pés, ouvindo as batidas do tambor batá que ressoavam torturando meu coração e meu cérebro, causando-me náuseas assustadoras, como as daquela maldita rua de Santigado [do Chile], náuseas que subiam, queimando e dilacerando meu peito<sup>29</sup>.

Isso mostra como os valores desses regimes estavam presentes na sociedade, e que o estabelecimento dos mesmos se deu através de ideologias que beberam da própria moral, dos valores e ideais comuns que repercutiam nas mentes locais. É esse caráter de consenso que aponta tais regimes como construções sociais.

Em suma, muitos são os aspectos que devem ser abordados sobre ambos os regimes. Contudo, um esforço de comparação entre as duas experiências – feito de forma cabal – não cabe no presente trabalho. Entretanto, para o que aqui se projetou –

---

<sup>29</sup> AMPUERO, Op.cit., p.459.

aproximar o Chile de Augusto Pinochet e a Cuba de Fidel Castro a partir da literatura de Roberto Ampuero – nos contentamos em apontar apenas as características mais importantes que permitiram vislumbrar uma semelhança nas formas de governo. É necessário ainda que se reflita sobre as condições atuais de tais países, pois o Chile conta agora com vários grupos chamados *neo-nazistas*, Cuba permanece fechada para o mundo (os seus cidadãos) e agora entra em um novo estágio em seu governo ditatorial – de governo *fidelista* passa-se a falar em *ditadura dos irmãos Castros*, devido a assunção de Raúl Castro (irmão de Fidel) ao poder cubano. Roberto Ampuero fala sobre suas experiências com a seguinte perspectiva

Poderia dizer que foi a ameaça de ambas as ditaduras latino-americanas o que terminou por converter minhas memórias em um romance autobiográfico, ou que o texto inicial optou por mudar de gênero para continuar contando sua verdade. Reitero que cheguei à Ilha de Fidel Castro fugindo de Augusto Pinochet. A ilha era então a minha utopia. Pinochet, o meu pesadelo. A experiência me ensinaria que ambos eram ditaduras, e que não há ditaduras boas nem justificáveis. Todas são perversas e nocivas, inimigas do ser humano e de sua liberdade<sup>30</sup>.

Precisamos pensar em que medida a memória, o consentimento e o consenso ainda fazem pairar sobre esses países a sombra do autoritarismo, quando não na forma de governo, nas ideologias de pequenos grupos organizados, caso do Chile. Essas experiências vividas, sentidas, durante anos e anos por ambas as nações, são um importante campo de estudos para investigar de que forma a identidade nacional desses países foi marcada durante esses regimes, qual legado foi deixado para a prática cidadã e política e, ainda, quais heranças se fazem sentir no plano cultural.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

AMPUERO, Roberto. *Nossos anos verde-oliva*. São Paulo: Benvirá, 2012.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Ed.: Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

---

<sup>30</sup> AMPUERO, Op.cit., p.477.

FERREIRA, Antônio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi & LUCA, Tânia Regina de. *Os Historiadores e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

REIS, Daniel Aarão. A Revolução e o socialismo em Cuba: ditadura revolucionária e construção do consenso. In: ROLEMBERG, Denise & QUADRAT, Samantha Viz. *A construção social dos Regimes Autoritários. Legitimidade, Consenso e consentimento no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ROLLEMBERG, Denise & QUADRAT, Samantha Viz. *A construção social dos regimes autoritários. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SADER, Emir & FERNANDES, Florestan. *Fidel Castro - Política*. São Paulo: Ática, 1986.

SUTIL, Sofia Correa; GARVAGNO, Consuelo Figueroa; LETELIER, Alfredo Jocelyn-Holt; CRUZ, Claudio Rolle e URRUTIA, Manuel Vicuña. *História del siglo XX Chileno – Balance Paradojal*. Santiago: Sudamerica, s/d.

**Artigo recebido em: 01 de outubro de 2013**

**Aprovado em: 12 de novembro de 2013**